A ARQUITECTURA PRÉ-HISTÓRICA COMO UMA FORMA DE ARTE: DAS "CRIPTAS" MEGALÍTICAS AOS "RECINTOS" MONUMENTAIS*

No contexto da Pré-história, "arte" tem de ser entendida, no mínimo, no sentido amplo que lhe davam os clássicos gregos e romanos, e que se manteve, mesmo na nossa cultura, até à Modernidade: como "techne" ou "ars", isto é, como a capacidade artesanal, simultaneamente manual e intelectual, de levar a cabo com alguma perfeição alguma acção sobre a realidade, em particular a realidade material.

A "especialização" da ideia de "arte" como actividade expressiva, nomeadamente individual, conduzindo a um produto estético, é, como se sabe, uma criação dos últimos séculos e da existência da sociedade de mercado, para a qual o artista produz, tendo a sua consagração através da crítica e, finalmente, do museu. Inventada a "arte", foi preciso proceder à sua historicização (universalizando-a no tempo como actividade tipicamente humana) – nascendo assim a "história da arte", que se procurou fazer recuar até às suas míticas origens (o Paleolítico) – e antropologizá-la, universalizando-a no espaço (artes "primitivas" de toda a espécie, arte rupestre, etc.).

O que hoje chamamos "arquitectura" é a "arte" do espaço por excelência; e talvez a vontade compulsiva de organizar espaços, de lhes impor uma ordem, de os transformar em "lugares" (ou redes de lugares, entendidos estes como nódulos de circuitos) seja uma das características do ser humano. Da sua intencionalidade auto-reflexiva, da vontade de dar sentido ao mundo, dando sentido à sua acção nesse mundo – ligando várias escalas, desde a do macro à do microcosmo. Uma arquitectura fixa sentidos (ou encena essa fixação, na sua ambiguidade material), e ancora, de um modo ou de outro, um sítio ao território envolvente, permitindo uma multiplicidade de práticas discursivas sobre tal sítio e território. Essas práticas articulam frequentemente, em sociedades orais, cosmogonias e cosmologias (teorias gerais do mundo) com o sentido dos sítios, o papel que tiveram num ou noutro momento de uma narrativa que se reporta ao passado (explicações do particular ou local). As arquitecturas, formas de estabelecimento de uma ordem, espacializam o tempo, fixando uma narrativa no espaço, e presentificando o passado.

Nesta comunicação – etapa de uma reflexão colectiva que vimos fazendo no contexto dos projectos EVASAFREN e ARQUEHORFREN** sobre o sentido das arquitecturas pré-históricas numa linha não funcionalista – pensar-se-á a oposição (em larga medida esquemática e em parte

---

* Resumo da comunicação apresentada ao Curso de Arte Pré-histórica Europeia, IPT, Tomar, Abril de 2003.

** Aprovados pelo IPA – Instituto Português de Arqueologia.

redutora – mas pensar significa também esquematizar, reduzir; o que importa é a pertinência dessa operação) entre criptas e arenas, entre os convencionalmente chamados "sepulcros megalíticos" e os não menos convencionalmente designados "recintos monumentais", mostrando como representam dois modos completamente distintas de desenho e de materialização de uma ideia de espaço e de mundo.

Trata-se de duas concepções arquitectónicas muito diferentes, mas – de um modo muito simplista – talvez a mais notória distinção consista na vontade de criar espaços fechados e circunscritos, de difícil acesso (dólmens de corredor neolíticos), onde toda a arquitectura, por mais volumosa que seja, se "dobra para dentro", "versus" a de recintos ou arenas abertas, amplas, luminosas, onde a arquitectura se "desdobra para fora", por forma a incluir e implicar de forma óbvia todo o território envolvente (sítios murados calcolíticos).

Creio que autores como Bradley, Thomas, e particularmente Whittle (1996), e, a nível do nosso país, S. O. Jorge, têm aberto portas muito importantes para este entendimento das arquitecturas pré-históricas. Mas há já em Portugal, felizmente, muitos (jovens e menos jovens) autores a caminhar neste sentido pós-funcionalista, que abrirá à arqueologia formas muito mais inteligentes de pensar o passado e a semiologia dos seus espaços – na sua riquíssima potencialidade. Para tanto, é preciso articular cada vez mais aprofundamentos teóricos com detalhadas pesquisas técnicas, nunca isolando uns dos outros, no sentido de compreender que a boa teoria é ávida de novos dados, e os "dados" interessantes jamais se dão a ver, em toda a sua pregnância, sem uma boa teoria...

Vítor Oliveira Jorge